

A LEITURA POR VIR: TRAVESSIAS RIZOMÁTICAS DO TEXTO-LEITOR

Gilcilene Dias da Costa¹
Jessé Pinto Campos²

Resumo: a leitura e o *por vir*. Uma desterritorialização de sentidos usuais do texto-leitor. Um mergulho nos labirintos sensoriais da leitura. Leituras rizomáticas que se deslocam com Deleuze e Guattari, Blanchot, Nietzsche, Duras, Skliar, entre outras melodias. Uma poética *por vir* da literatura que se avizinha aos abismos da transfiguração e da imaginação criadora. Um rizoma tecido nos interstícios da filosofia-literatura-educação, em vertigens de fruição estética e deleite inquietante da palavra literária. O texto-andarilho caminha na direção informe de uma poética da leitura *por vir* enquanto multiplicidades de sentidos produzidas no limiar do texto-leitor, eu-outro, silêncio-palavra, pensar-existir-criar potências outras na educação.

Palavras-chave: Leitura por vir. Travessias rizomáticas. Poética da leitura.

The reading to come: rizomatic experiences of text-reader

Abstract: the reading to come! The deterritorialization of the reader's usual meanings. A dip in the sensory labyrinths of reading. The rizomatic readings experiences though Deleuze and Guattari, Blanchot, Nietzsche, Duras, Skliar, among other melodies. A poetic to come from literature that is approaching the abysses of the transfiguration and the creative imagination. A rhizome woven in the interstices of philosophy-literature-education, it's come for aesthetic enjoyment and unsettling delight of the literary word. The wanderer-text walks in the direction of a poetics of reading to come as multiplicities of meanings produced at the threshold of the text-reader, I-other, silence-word, think-exist-create other powers in education.


Keywords: Reading to come. Rhizomatic experiencess. Poetics of reading.

VOOS INICIAIS

O texto potencializa uma perspectiva filosófico-literária da leitura em suas interfaces com a escola básica. Resulta de desdobramentos de atividades de pesquisa acadêmica desenvolvidas na pós-graduação e graduação, vinculada ao Projeto de Pesquisa “Uma educação *no dorso do tigre*: literatura e mediações literárias”, Universidade Federal do Pará, Faculdade de Linguagem, Campus Universitário do Tocantins/Cametá. O propósito do estudo incide sobre as

¹ Universidade Federal do Pará. (costagilcilene@gmail.com)

² Universidade Federal do Pará. (jessecampos@gmail.com)



potências estéticas de leitura literária na educação capazes de desabrochar um pensar-existir poético-filosófico frente ao arquétipo do “leitor competente” prefigurado na contemporaneidade pela voracidade e utilitarismo da atividade leitora.

Tomando por base as interfaces entre filosofia e literatura, levantamos alguns questionamentos acerca da atividade e sentidos da leitura, indagando: Que tipo de leitores nos tornamos por meio da apreensão dos códigos da leitura? Em que sentido nos dizemos “leitores competentes”? De que modos a leitura como fruição adenta a nossa vida subjetiva e educacional? Como restabelecer a relação poética entre texto-leitor? Que travessias, transfigurações e abismos a leitura *por vir* entoa nos contornos de uma poética da educação?

Como procedimento, tomamos o gesto filosófico-literário em torno da leitura como abertura ao pensar, perspectivar sentidos outros à condição intersticial entre texto-leitor, espreitando experimentações poéticas e literárias para além da funcionalidade (escolar/acadêmico) usual da leitura – frequentemente assentada na figura de um “leitor competente” seguro de seu saber e cultura –, de modo a arremessar o leitor aos seus abismos em direção ao desconhecido da leitura e seus sentidos. Nesse sentido, caminhamos por itinerários filosóficos e literários com BLANCHOT (2010; 2011; 2013); NIETZSCHE (2003); DURAS (2011); SKLIAR (2014b).

O estudo espreita sentidos outros de leitura no limiar da interseção filosofia-literatura-educação para, de modo afirmativo, perspectivar uma abordagem problematizadora e fruidora da leitura enquanto uma vivência singular, ao mesmo tempo subjetiva e coletiva, capaz de deslocar o pensamento e as ações em direção ao desconhecido. Rizomaticamente experimentamos as potências poéticas da palavra literária com lentidão e ruminação, uma vivência educativa compartilhada no *entre* dos encontros do texto-leitor e seus abismos, de tal modo que as multiplicidades de leituras aqui produzidas se apresentem como um canal aberto para as margens do por vir da leitura nos movimentos da imaginação criadora.

DESTERRITORIALIZAR A LEITURA

Iniciamos o movimento de desterritorialização dos sentidos usuais da leitura – comumente entendida como um modo de decodificar os códigos da linguagem, suas verdades e significados –, provocando o direcionamento

habitual que o processo de ensino pressupõe. Frequentemente, essa aquisição cognitiva sobre a compreensão leitora escolar conduz o aprendiz ao limite da pronúncia das palavras preexistentes, ou seja, essa primeira aventura do ler como ato de decodificação da linguagem pouco passa pela fruição dos sentidos, mas enraíza significados que gradativamente cedem lugar a uma instrumentalização da leitura para se obter um “leitor competente” aos olhos da sociedade e da lógica funcional. Este leitor “que sabe ler em geral” produz sentidos predefinidos, decodifica a língua e seus significados usuais por alguma utilidade funcional.

Em nossas instituições de ensino pactua-se uma visão de leitura em seu *sentido usual*, limitando-a à condição de instrumento de acesso ao conhecimento, por meio dessa visão, o “leitor moderno” limita-se a buscar sínteses, esquemas pragmáticos, enredos preexistentes, como um ganho imediato de tempo e produtividade. E para a sociedade da informação, um “leitor competente” é aquele que se apropria das mais variadas modalidades de leitura de modo pontual, acelerado, com uma finalidade ou aplicabilidade imediata em vista; um ‘leitor nato’ que compreende muito bem e é capaz de assimilar conceitos vastos e englobantes.

Em consonância ao diagnóstico previamente feito por Nietzsche (2003) em suas *Conferências* sobre educação e cultura que receberam o título de *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* (1872), prefigura de tempos passados aos atuais o arquétipo de um “leitor moderno” ou “competente”, como um leitor ensimesmado em sua “cultura” e em seu “saber”, que caminha para uma erudição funcional, “encerrado em um quadro de resultados”, que toma a si e a sua cultura como privilégio e soberba, que empresta à leitura um sentido usual em vez de um *sentido vivo*. Definitivamente, não é a este “leitor moderno” que Nietzsche escreve, pois, um “profissional da leitura” sempre lê sabendo, não cultiva a calma e a serenidade como condições necessárias para o gesto ruminativo da leitura.

Distanciando-nos desse arquétipo do “leitor moderno”, caminhamos ao encontro de um *leitor ruminativo*, calmo e paciente, capaz de pensar enquanto lê, que se prontifica a discutir seus posicionamentos em relação ao texto e a travar combate com seu saber e sua cultura, que experimenta o risco de viver no abismo do desconhecido bordejando o encontro com o *outro*. Nietzsche é enfático quanto às qualidades daquele que julga ser o seu leitor: “O leitor de quem espero algo deve ter três qualidades: ele deve ser calmo e ler sem pressa, não deve sempre privilegiar a si e à sua “cultura”, não deve, enfim, esperar por encerrar um quadro de resultados” (NIETZSCHE, 2003, p. 46).

Nos movimentos de desterritorialização dos sentidos da leitura, seguiremos outras sendas em direção a uma leitura por vir que abrigue o *corpo vivo* do desassossego, do pensar-existir com o outro, na obscuridade da palavra e incertezas do ser. Por estas sendas seguiremos por voos e pousos da leitura em seus sentidos provisórios, por conceitos e potências que cotejem as melodias poéticas do texto-leitor. Na companhia de BLANCHOT (2010; 2011; 2013), entre outras melodias, com NIETZSCHE (2003); DURAS (2011); SKLIAR (2014a; 2014b), os conceitos dançam a partir de movimentos de um devir: O *abismo* exige a coragem para sucumbir à eminência da morte no mergulho obscuro da profundidade das águas (leitura) onde a travessia faz brotar incertezas no leitor, que agora habita o abismo profundo desconhecido da leitura. O leitor caminha nos abismos que se abrem na leitura, nos abismos busca coragem de caminhar pelas singularidades que flutuam em meio às constelações das águas. O abismo é a cavidade rizomática que brota mortal dos desvios e incertezas. O abismo convida o texto-leitor a pertencer às profundezas do pensar inexplorado, um novo caminho, um desvio mortal dos sentidos, sensoriais e intempestivos, movimentos rizomáticos que adentram cavidades desconhecidas de uma desterritorialização do espaçotempo da leitura. A *travessia* se dispõe pelo *meio*. Ao habitar a travessia o corpo reage às travessias das sensações do caminho e suas diferentes territorialidades. A travessia embriaga quem se propõe a atravessar, e o tom da transfiguração das melodias em travessias. O corpo então sente a eminência da transfiguração e se entrega à vertigem da leitura rizomática a se tecer pelo *meio*. O por vir abre perspectivas que desbravam os espaçotempos do livro e da leitura em suas singularidades e multiplicidades de sentidos. Todos os caminhos! Mas não toda a rota, nem todo livro!

A LEITURA E O *POR VIR*

A leitura *por vir* é “o movimento entre todos os sentidos possíveis” (BLANCHOT, 2013, p. 357), a mudança que propõe movimento dos sentidos por diferentes espaços e tempos. Os sentidos possíveis então expõem a possibilidade como o ponto de chegada e de saída, isto é, dissolve a unidade dos sentidos e recoloca o leitor ao mundo da possibilidade onde será ora embriaguez, ora lucidez da vontade de desbravar as singularidades da territorialidade do pensar. Um por vir no cerne singular do caminhar, sem regular as consequências ou perigos da aventura, e sem julgar de antemão quais sensações irá experimentar, enseja ser surpreendido pelo interior do livro, um

interior com rizomas profundos dos sentidos, sem início ou fim anunciado, livre da previsibilidade e linhas de fugas. O por vir disposto ao meio, na travessia.

t

O por vir devora o interior da leitura ou livro “sem autor e sem leitor, que não é necessariamente fechado, mas sempre em movimento” (BLANCHOT, 2013, p. 356). O por vir sem autor assinala a morte do escritor pelas mãos do leitor. A morte como possibilidade de viver agora na liberdade da criação livre, sem amarras. O leitor por vir ao predizer a morte do escritor desaparece na travessia das sensações do livro, todavia, nem todo livro é um por vir, isto é, há livros tendenciosos nascidos na tormenta aprisionadora do pensar, livros produtores de superficialidades ardilosas sem movimento e criação. O leitor por vir caminha por entre veredas desconhecidas em movimentos de *devir*; cavalga no dorso rizomático da imaginação criadora e experimenta o inusitado, o impensado por rotas e linhas de fuga sem ponto final, pois não persegue o caminho (e nem pretende limitar o caminho), apenas caminha entre as singularidades das sensações, transfigurações e deslocamentos de sentidos alhures.

O por vir dança no limiar do *devir-outra* (DELEUZE, 2011), devora a leitura nas irrupções do movimento, um “movimento de diáspora que nunca deve ser reprimido, mas preservado e acolhido como tal [...]” (BLANCHOT, 2013, p. 345). O por vir e sua leitura de irrupção abraça o livro por vir (propulsor do movimento), assim, teremos um livro (leitura) “sempre em movimento, sempre no limite do esparsão, será também sempre reunido em todas as direções, pela própria dispersão [...]” (BLANCHOT, 2013, pp. 345-346). O livro ou leitura por vir são criações de sentidos no limiar dos deslocamentos e desvios, “e todo o desvio é devir mortal. Não há linha reta, nem nas coisas, nem na linguagem” (DELEUZE, 2011, p.12), nem na leitura.

Ernesto e a transfiguração do livro queimado

O leitor por vir livre das amarras abandona qualquer doutrinação ou razão totalizante e se entrega à leitura em seu por vir e *devoração* (CAMPOS, 2008). Destarte, ao se reconciliar com a devoração o leitor devora o livro *por vir*; de tal modo, “o livro é livro quando não remete a alguém que o tenha feito, tão puro de seu nome e livre de sua existência quanto do sentido próprio daquele que o lê” (BLANCHOT, 2013, p. 333). O livro por vir dissolve o tempo da arrogância do saber e apresenta a possibilidade de um livro sem face ou rosto, livre da existência de seu escritor. O livro tão puro sem traços ou caminhos de

voltas, livro na dimensão do caminhar por diferentes territorialidades, portanto, crie um livro por vir no contato da profundidade e seu centro desconhecido, e no centro desconfie dos sentidos superficiais.

Talvez, *Ernesto*, a criança delineada por Duras (1991), tenha desconfiado dos sentidos superficiais, por isso, se lançou a ler um livro com seu centro queimando. A transgressão de Ernesto, o menino sem vontade de dominação, nem cultura dominante, sem presença forte a exercer sobre o outro... Acerta por não querer adentrar ao rígido sistema utilitarista do “apreender” hierarquizado no tabulador sistema do “certo” ou “errado”. Ernesto, desta forma, resistiu à inserção na escola, ou talvez, nem tenha chegado a formular tal inserção. “O problema da escolarização das crianças nunca se colocou seriamente” (DURAS, 1991, p. 12), a família tentara pedir um professor para ensinar as crianças em casa, mas o governo pensou: Que pretensão! A família com a negativa não tentou outra vez. A família de Ernesto lia livros encontrados nos comboios, ou nos expositores em ocasiões itinerantes, ou livros próximos do lixo. Os irmãos de Ernesto em meio ao entulho encontraram um livro e levaram até o irmão.

O livro despertou a atenção de Ernesto, fitou-o por um longo período. O livro era grosso com capa de couro, o seu centro havia sido queimado, o instrumento que violentara o livro produziu marcas profundas nas páginas e em seus sentidos. Em sua experiência singular de leitura, Ernesto lê sem saber ler o livro queimado, para muitos um livro morto, com seu sentido geral negado. Um livro preso pelo sepulcro da incompreensão - diria o leitor ordinário. O leitor ordinário leria um livro que não estivesse seu centro queimado, já que para ele a competência de uma leitura se esmera na decodificação usual dos códigos da língua, algo que Ernesto não dispusera. Ernesto sem saber ler, “dizia que tinha lido algumas coisas do livro queimado” (DURAS, 1991, p.17). Desta forma, lia no rumor da palavra que (re)desenhava a todo o momento, o centro do livro produzia desconhecidos. “Depois (Ernesto) compreendeu que a leitura era uma espécie de desenvolvimento contínuo no seu próprio corpo de uma história inventada por ele” (DURAS, 1991, p.17). A leitura nasce da invenção de Ernesto, na invenção brinca na leitura pela inocência do seu não saber, lendo sem saber ler, faz o corpo inventar uma linguagem da dispersão de sentidos, dispersos os sentidos, inventa os significados para eles, acolhe-os na dança interior de Ernesto e o livro queimado.

O livro sofre a violência de ser queimado. A violência ao livro nunca vista antes pelos irmãos de Ernesto, silenciosamente chora, o livro queimado vive o vazio deixando no meio do livro, “incompleto”, tendo em vista a ideia de

completude que a unidade das palavras do livro forma, um sentido completo, deste modo, havendo lacuna a ser preenchida, o sentido completo estaria “perdido”, todavia, o vazio no centro do livro abriu outro horizonte a Ernesto, o vazio do livro, Ernesto não tenta preencher, e tampouco desconsidera, pois transfigura o vazio do centro do livro em novos sentidos não desenhados quando o livro fazia-se em “completude”. Uma leitura com um ser indigente nasce aqui, uma leitura que muda de rosto, transfiguradora dos sentidos, Ernesto transfigura “o luto pelo centro inexistente, converte-se na afirmação de suas personalidades, em sua dupla abertura ao começo e ao porvir” (LARROSA, 2004, p.56).

Na leitura por vir o leitor partilha a incerteza, a insegurança, o imprevisível. Talvez sejam essas sensações que Ernesto busca ao percorrer escombros, e o faz seguir sem destino, sem apropriação. Ernesto lê através do vazio criado no livro, o vazio que deixou rastros para que Ernesto pudesse debruçar-se na arte do criptograma, (des)orientado por falta de códigos, inventava - como Duras (1991) nos sugeriu - guiado pela vontade, transfigurou as frases até que os sentidos brotassem dos abismos, porém afastava qualquer sentido dominador, o primeiro sentido nasce, já era hora de que outros brotassem nas linhas de fugas, fazendo dessa devoração um desejo arbitrário, seletivo e vertiginoso. A devoração de Ernesto ao livro queimado acontece:

Com esse livro... precisamente... é como se conhecimento mudasse de rosto, senhor professor... Mal se entra nessa espécie de luz do livro... começa-se a viver no deslumbramento... (Ernesto sorri). Desculpe isso é difícil de dizer. Aqui as palavras não mudam de forma, mudam de sentido... de função... Está a ver, deixam de ter um sentido próprio, ligam-se para outras palavras que não conhecemos, que nunca lemos nem ouvimos... nunca lhes vemos a forma, mas sentimos... suspeitamos... que tem o lugar delas vazio dentro de nós... ou no universo... não sei. (DURAS, 1991, p. 125)

O livro queimado para Ernesto é movediço, muda de rosto e sentido a cada leitura. Ernesto nada afirma de forma concreta, já que os sentidos do livro dançam nas melodias de centro desconhecido. O sentido do livro propriamente não se afirma na leitura, Ernesto do sorrir dos sentidos, outrora construído, sorri da tentativa de gestar uma leitura do desconhecido, sorri do vazio que há em si e no livro, similitudes confusas. Ernesto desenha uma incerteza difícil de gestar, parece que tudo muda aqui, as palavras desenhavam outras formas e sentidos, outras funções, outras melodias. O livro queimado com o seu centro negado se desconhece, e apresenta outros sorrisos alfaceis de leitura doce,

desconhecida. Ernesto se desconhece, não tem idade, nem certeza de quem é, apenas sabe seu nome, assim o livro nasce, apenas com seu nome e incompleto por não ter mais sentido próprio.

Ernesto sorri, pois não sabe, sorri por não saber o que leu, viveu e/ou ouviu, ri da incerteza, companhia próxima de sua leitura-experimento. A leitura-experimento faz Ernesto abraçar a leitura na solidão de seu desejo, houve horas que o silêncio de Ernesto falou mais que o próprio sentido que desenhara. Os sentidos desenhados por Ernesto dissolviam-se nas profundezas do livro, sentidos submersos, no mar do não saber, mar que Ernesto sorri... Dessa leitura, “tudo o que se pode saber quando não se sabe nada” (LARROSA, 2004, p. 57). Ernesto sabe, uma vez que ele entende que “a leitura não é experiência de plenitude, mas de vazio” (Idibem) pelo qual reconhece uma linguagem que inventa, que tampouco faz sentido para o leitor ordinário. Ernesto desconfia da profundidade da sua invenção e segue a perguntar pelo mundo se o que leu é realmente o que está escrito, todavia, desconfia do seu não saber e segue a perguntar.

Talvez, Ernesto “aprendeu a ler assim, sem se dar conta, articulando o vazio do corpo com a textura insignificante da língua, deixando-se levar por essa língua desconhecida” (LARROSA, 2004, p. 58). Ernesto na inocência do seu não saber inventou o desenho de linguagem plural entre o seu corpo e o vazio. Aprendeu a ler em silêncio o vazio do livro, no alto da árvore ficava a ler, tasteava as palavras na liberdade de sua criação. Talvez, seja essa sensação de ‘ler sem saber ler’ que Ernesto aprendeu que poderia aproximar da leitura por vir. O olhar de Ernesto ao livro era enigmático, seu silêncio ruminava os sentidos desconhecidos, assim, continuou a ler, sem saber ler, um livro, um livro queimado, um livro o qual jogava na infância de menino sem marcas de tempo, cultura, passado ou certezas.

Ernesto lia o livro sem possessão. Talvez leitor ordinário tenha suprimido o primeiro olhar das coisas, algo que Ernesto jamais perdeu. O leitor ordinário perdeu a inocência na tentativa de adentrar o jogo da escolarização, aceita todos os sentidos prontos e enlatados. Diferente do leitor ordinário, Ernesto em seu primeiro dia na escola, regressa para casa e diz à sua mãe: “não volto à escola porque na escola ensinam-me coisas que eu não sei. Depois ficava dito. Ficava feito. Pronto” (DURAS, 1991, p. 24). Na escola todos os sentidos ficam prontos, enlatados e depois de dito tudo passa a se repetir, mais se acumula do que se esquece, “era tão fácil um esquecimento com Ernesto” (DURAS, 1991, p. 19). Ernesto esquece, e inocente dança a leveza da leitura sem ideia moldada em um passado ou formação... O leitor ordinário perde a

inocência ao longo da vida quando abre mão do estado de infância, ao abrir mão, acredita nos discursos produzidos por eruditos ou críticos e segue a repeti-los com verdades absolutas. Talvez, Ernesto seja o leitor por vir que lê sem saber ler um livro queimado, pois nele há a liberdade do espírito de infância, desta forma, Ernesto-criança enseja pertencer uma infância que não se traduz no seu sentido de “infância perdida”, e sim, uma infância liberta na leveza de um voo por vir.

O leitor ordinário, instaurado na instrumentalização e na preparação silábica, aquele talhado no rigor hermético da academia se torna “importante” quando for impessoalizador, “se o homem fortuito (escritor) [...] não tem lugar no livro como autor, como o leitor poderia ser aí importante?” (BLANCHOT, 2013, p. 333). O leitor ordinário não concebe a leitura em sua dimensão por vir, pois valora os sentidos pré-digeridos, já não quer mais pensar por sua vontade e desejo, quer ser guiado por eruditos produtores de guias enciclopédicos. Dê ao leitor ordinário tudo mastigado, que não reclamará. Todavia, leitor por vir não enseja ser aquele que dominará a obra ou sobre ela exercerá sua dominação, tanto o leitor quanto o escritor por vir estão livres da dependência superficial e seguem a escalar cumes e a submergir em profundezas no desvio mortal do livro e suas indeterminações.

“O que significam as palavras “premeditado, arquitetural, delimitado, hierarquizado”?” (BLANCHOT, 2013, p. 329). Tais palavras indicam uma mecanização totalizante da leitura, assim, a leitura ordinária é a inércia do saber, lugar onde as pessoas apenas respondem a um estímulo do já sabido em demasia e sem criação. O leitor ordinário pensa, no limite de sua entrega, que todos os cânones já foram lidos e seus sentidos já se encontram estabelecidos pelos eruditos da sociedade, pessoas essas que leem em demasia, a fim de regurgitar sabedoria, porém, seus intuitos apenas “indicam uma intenção calculadora, a disposição de um poder de extrema reflexão, capaz de organizar necessariamente o conjunto da obra” (BLANCHOT, 2013, p. 329).

O leitor por vir navega nos perigos e incertezas da leitura onde o *por vir* seria a força que “dissipa e dissolve todas as coisas como o nevoeiro, impedindo os homens de se amarem pelo fascínio sem objeto com que substitui toda paixão” (BLANCHOT, 2013, p. 321). Desconfia da arrogância das palavras “premeditado, arquitetural, delimitado, hierarquizado” e experimenta sentidos outros, transfigurando a liberdade criadora sem objetificar sua paixão por um sentido de fascínio do leitor. A paixão é a poética do movimento às coisas rumo à verdadeira relação do livro por vir e seu interior desconhecido. O navegador

(leitor por vir) reconcilia com a paixão, pois despreza a ligeireza das rotas rápidas, tendo em vista que ensaja mais travessia do que portos seguros.

t

O leitor por vir navega na leitura e atravessa o mundo por vir onde rompe as barreiras e transpõe os limites sem pressa, pois “a impaciência caracteriza a magia, ambiciosa de dominar imediatamente a natureza” (BLANCHOT, 2013, p. 333). O leitor por vir cavalga na ruminação, talvez seja ele o leitor predito por Nietzsche em suas qualidades daquele que julga ser o seu leitor: “O leitor de quem espero algo deve ter três qualidades: ele deve ser calmo e ler sem pressa, não deve sempre privilegiar a si e à sua ‘cultura’, não deve, enfim, esperar por encerrar um quadro de resultados” (NIETZSCHE, 2003, p. 46). Tal ensejo de Nietzsche baila com Blanchot na potência por vir sem ater força de dominação, e sim seguir às profundezas da leitura sem aportar em águas rasas e o fazer das âncoras moradas fixas às brevidades, pressas e resultados, destarte, o leitor por vir acolhe a leitura na aventura ruminativa enquanto paciência, e “é a paciência que preside à afirmação poética” (BLANCHOT, 2013, p.333) da criação de novos valores e devoração.

A liberdade do por vir da palavra poética traduz o mundo da poesia em sua criação, uma vez que “a poesia *des-cria* e institui o reino do que não existe e não pode, designando ao homem como sua vocação suprema algo que não pode ser enunciado em termos de poder” (BLANCHOT, 2013, p. 333). A poesia *des-cria* um mundo de valores, já que não tem em seu cerne a regra dominadora das normas, nasce livre a poesia no movimento supremo da criação, onde vive um mundo *fora* em plena renovação da realidade e seus limites onde o leitor por vir alça o finito da criação e des-criação de sentidos e verdades.

“A alquimia pretende criar e fazer” (BLANCHOT, 2013, p. 333). O leitor por vir enceta o ritual de criação pautado na devoração primitiva do canibal devorador de gente onde se cria novos rumos e novas travessias, a fim de adentrar na leitura por vir enquanto poética da criação e des-criação. Já que “somente o poema - o livro futuro - é capaz de afirmar a diversidade dos movimentos e dos tempos, que o constituem como sentido ao mesmo tempo que o reservam como fonte de todo sentido” (BLANCHOT, 2013, p. 355). Destarte, a poesia e seus poemas movimentam as descobertas de tempos do livro que estão sempre a dançar na leitura por vir dos movimentos oriundos do livro (por vir). No tempo do livro, os espaços dos sentidos dançam na profundidade das entrelinhas onde o leitor pelo por vir dança a fruição em passos leves na criação poética. A poesia aqui apreende o mergulho no *por vir*

da agitação da palavra literária onde desvios da leveza poética estão a (des)cria uma leitura por vir e sua dispersão dos sentidos.

t

O *por vir* dança “em todas as direções, pela própria dispersão e segundo a divisão que lhe é essencial” (BLANCHOT, 2013, p. 346), assim, a dança do por vir está a criar-se pela dispersão de sentidos onde caminha em sua essência de profundidade, e leva o leitor a fugir dos livros ordinários sem possibilidade do voo, já que o por vir é esse voar na possibilidade de perder e encontrar-se na dispersão dos sentidos a caminhar, devorando a si e ao outro fortificado na criação poética, e nela não desaparecer, e sim, aparecer no essencial do seu movimento, a poesia.

A leitura por vir da travessia poética vai desenhar no leitor os sentidos moveções da palavra literária, assim, dispersa-os nos abismos da leitura como convite ao imaginário literário a se perder no movimento de criação: “o livro está assim centrado no entendimento que forma a alternância quase simultânea da leitura como visão e da visão como transparência legível” (BLANCHOT, 2013, p. 355). Há que se conceber o livro por vir em sua transparência legível, há tanto a ser lido na profundidade de seus sentidos, porém o livro ordinário não poderá atravessar, pois sua escrita se encontra centrada no delimitado, racional, imóvel e objetivo. O livro por vir, ao contrário, centra-se na alternância da sua visão, mas também, no movimento constantemente descentrado da relação de si e do tempo do livro que é o próprio movimento da sua relação em constante devir a se desdobrar em outra imagem.

O livro *por vir* “que recolhe o espírito recolhe, portanto, um poder extremo de explosão, uma inquietude sem limites, que o livro não pode conter, que exclui todo conteúdo, todo sentido limitado, definido e completo” (BLANCHOT, 2013, p. 345). O livro por vir libera o fluxo do ilimitado, do indefinido e incompleto da leitura ao leitor que goza a liberdade do fluxo e devora a leitura na dispersão de sentidos que o livro por vir emana. Neste sentido, o livro por vir liberta a alma do leitor ordinário do limitado, definido e completo, e ao libertá-lo das gaiolas, a transfiguração começa, tempo e espaço se dissolvem no íntimo do leitor onde os sentidos de objetividade dão lugar à pluralidade para que o leitor por vir possa gozar do por vir leitura e seus movimentos.

O leitor por vir recebe do escritor o silêncio. O silêncio do livro por vir irrompe a possibilidade de fala no inter-dito do silêncio, assim, o leitor por vir é aquele que sabe penetrar na leitura por vir como “uma preciosa morada de silêncio, uma defesa firme e uma alta muralha contra essa imensidade falante

que se dirige a nós, desviando-nos de nós” (BLANCHOT, 2013, p. 321). O livro por vir é a morada do silêncio na altivez dos cumes e profundidade da alma do leitor. Intensa fala do silêncio, voa na leveza da devoção silenciosa, assim, desvie da fala produtora e rumine o silêncio no pouso latente, possibilidade de se entregar à travessia como passagem de silêncio ruminativa a uma palavra literária plural, a leitura por vir.

O mundo das grandes falas esquece o silêncio, e na latência por ter voz, nega voz do outro ou por falta do tempo de ouvir, ou por querer fazer da sua voz verdade indubitável. Não há então a vertigem singular na leitura, se o leitor ordinário continua a ler sem criação e destruição de si. Uma vez que “um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 10). O livro por vir é escrito em velocidade e potências diferentes que podem ser lidas em velocidades diferentes para cada leitor, mas leitor por vir prefere a lentidão, já que não vai à leitura em busca de objeto ou sujeito, prefere a velocidade da própria emoção, e assim, ler nas diferentes formas e sensações, tornando a escrita um caminho sem volta do leitor por vir que deseja caminhar na impossibilidade do retorno, pois segue na incursão de sentidos viventes no contato do texto-leitor.

Na relação texto-leitor a imaginação dança “nesse Tibete imaginário onde já não se descobririam em ninguém os sinais sagrados, toda literatura cessasse de falar, o que faria falta é o silêncio, e é essa falta de silêncio que revelaria, talvez, o desaparecimento da fala literária” (BLANCHOT, 2013, p. 321). A fala literária desaparece na contemporaneidade, pois o leitor ordinário está engessado na produção, e a vertigem literária é limitada a textos guias ou reprodutores, tendo em vista que o leitor ordinário tem pressa de produzir, assim, debruça-se pela obra com superficialidade. Desta forma, não aprende o valor do silêncio, tendo em vista que, quer a todo o momento, expressar sua opinião. E o silêncio da vertigem literária é deixado de lado pela ambiguidade.

Quais profundidades o leitor precisa habitar para submergir renovado? “Aliás, o que quer dizer a fórmula que usamos: “isto é profundo?”” (BLANCHOT, 2013, p. 347). Qual a fórmula que usamos para dizer que um livro é profundo? Ou se ousamos perguntar: Qual a fórmula que usamos para dizer que um livro é por vir? A profundidade é a dimensão do desconhecido que pousa no interior de cada leitor por vir, não cabe dizer que a fórmula (se houver) seguirá a funcionar com todo mundo e na mesma potência, há livros para todos e outros para ninguém (aludindo a Nietzsche), todavia, a experiência do que se lê é devorada singularmente por cada um. No limiar da intenção,

pode-se dizer que a leitura por vir segue na experiência singular habitada na ruminação, acolhimento e refutação, movimentos que se engendram na criação e travessia pela leitura por vir.

Na tentativa de habitar a profundidade da leitura, o leitor por vir “não se contenta com desenrolar-se de maneira linear” (BLANCHOT, 2013, p. 347). A leitura segue a deslinearidade da rota e “se abre; por essa abertura, sobrepõem-se, soltam-se, afastam-se e juntam-se, em diferentes níveis de profundidade” (BLANCHOT, 2013, p. 347). A leitura por vir se dissolve nos rizomas da profundidade, livre, sobrepõe-se à soberba, afasta a linearidade e abre o desconhecido da profundidade. Tais mergulhos à leitura exigem uma lentidão do leitor (por vir) ao observar diferentes níveis de profundidade, em que está imerso, todavia, é preciso submergir transfigurado na experiência do abismo e cume, a fim de tomar fôlego, às vezes, e mergulhar novamente.

A leitura por vir mergulha na profundidade onde o leitor experimenta a possibilidade cada página, um nível de profundidade diferente. A cada virar de página a dimensão do imaginário do *fora*, gesta a mudança do coração do leitor pelo mergulho na dimensão da profundidade transformadora *por vir*: A profundidade da leitura lança “outros movimentos de frases, outros ritmos de falas” (BLANCHOT, 2013, p. 347), outras sensações, outras reminiscências, outros abismos. A profundidade esconde um vir a ser misterioso, onde se “supõe um espaço com várias dimensões, e só pode ser ouvido segundo essa profundidade espacial que precisamos apreender simultaneamente em diferentes níveis” (BLANCHOT, 2013, p. 347) e diferentes melodias. É a singularidade o universo plural da profundidade, universo este em que o leitor é travessia a várias dimensões literárias, e ao atravessar o mundo constrói a imagem da palavra literária que versa a realidade em seu fora.

O leitor *por vir* “não é verdadeiramente leitor. Ele é a leitura” (BLANCHOT, 2013, p. 357), sendo assim, a leitura e o leitor estão no movimento por vir em constante transfiguração, criam e des-criam no giro de si. Tais ensejos encetam a comunicação do texto-leitor nas dimensões dos (des)territórios interiores ou imaginários do leitor e da leitura por vir. Os territórios da leitura (des)criam-se *fora* dos sentidos de produção e abraçam a criação indefinida do livro ou leitura no limiar da travessia, a travessia irrompe um segundo movimento de compressão ao leitor que se lança à linguagem de si, assim, com Ernesto, a busca de sua linguagem poético-criadora dos sentidos livres da presença da obra. “Enfim, pelo futuro de exceção a partir do qual o livro vem em direção dele mesmo e vem em nossa direção, expondo-nos ao jogo supremo do espaço e dos tempos” (BLANCHOT, 2013, p. 357). É no

espaço e no tempo que a leitura abraça o por vir na dimensão de liberdade e criação, assim, devora o leitor e leitura no movimento de voo por vir. Voe!



TRAVESSIAS RIZOMÁTICAS

Os movimentos rizomáticos de uma *leitura por vir* percorreram distintas territorialidades. O ensajo desta leitura desbravara horizontes, perpassando por três movimentos experimentais: 1) Pensar a leitura enquanto *por vir* e suas ressonâncias blanchotianas, com intuito de mergulhar nas profundezas da imaginação criadora, em suas melodias e abismos. 2) Adentrar aos abismos e transfigurações da leitura *por vir* como fruição, sensações e sentidos. 3) Interligar as melodias, transfigurações e travessias da palavra literária aos aspectos do aprender-ensinar, vislumbrando uma leitura enquanto poética *por vir* da educação.

A rota de navegação da pesquisa cartográfica percorreu conexões rizomáticas, em que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 10), e pelos rizomas da leitura habitamos melodias, travessias e transfigurações do texto-leitor. O rizoma produz ramificações de sentidos em toda a parte, em movimentos de espalhar, camuflar, cortar, perfurar, vazar, abreviar, desviar, conectar platôs sempre móveis e flutuantes. Nesse movimento o rizoma escapa às razões totalizantes por linhas de fugas, escapa aos pontos fixos das raízes, e por suas superfícies lisas libera rizomas. Os trajetos rizomáticos da pesquisa desbravam marés de águas profundas e superfícies de leituras, onde as correntes teóricas impulsionam a invenção de rotas, em meio aos rizomas das experimentações inscritas nos ensaios de escrita por vir.

Tal itinerário cartográfico adentrou no movimento livre da leitura, por suas linhas molares e moleculares, pois, apesar de livre, a leitura se estabelece em “linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 10). E assim mergulhamos nas águas turvas da palavra filosófica e literária por melodias ao lado de BLANCHOT (2010; 2011; 2013); NIETZSCHE (2003); DURAS (2011); SKLIAR (2014b), entre outras melodias cartográficas, que agitaram as travessias e transfigurações da leitura alçando voos leves e pousos provisórios entre territórios e desterritorializações, com o intuito de perspectivar uma leitura por vir nos devires da criação.

DESDOBRANDO O APRENDER-ENSINAR DA LEITURA

Percorrendo os labirintos da pesquisa rizomática, em âmbito acadêmico e escolar, notamos que a leitura por vir lança o texto-leitor aos abismos do indeterminado, por movimentos de transfiguração, assim, outras possibilidades de leitura bordejam o desconhecido no limiar do por vir. A obra continua a liberar o fluxo poético do caminhar que ora voa ora pausa nas pulsações do livro. E “se quisermos ver mais de perto ao que tais informações nos conduzem, talvez seja necessário apurar onde elas têm sua origem” (BLANCHOT, 2011, p. 13). Há então que se caminhar rumo às origens dos abismos da profundidade, e assim, escavar mais a fundo, onde ninguém jamais escavou, no ensejo da dança redescoberta da leitura em seus devires.

O leitor que experimenta o desabrochar poético da palavra literária escava na leitura a abertura ao outro, e seu anseio enceta uma possibilidade de reconstruir suas relações com o conhecimento e com o outro no mundo, pronunciando uma palavra literária que ainda não é livro e, que quando for, os sentidos íntimos serão “de alguém que escreve e de alguém que a lê” (BLANCHOT, 2011, p. 13), ambos, escritor-leitor, partilham o início da jornada de escritura ou da leitura onde os sentidos proliferam modos de pensar-existir muito além do espaço acadêmico ou escolar, por distintos canais de acesso mesmo depois de ter lido, atuado ou acabado de escrever. Os sentidos seguem a criar abismos e transfigurações por onde o leitor caminha e transfigura-se na violência do passo inicial da caminhada, ao modo de Nietzsche, quando prediz: dizer-sim! A própria violência transgressora da inércia e propulsora dos caminhos e desvios da leitura.

A leitura quando provocadora abre o gesto da liberdade. Todavia, tal leitura “não é prometida a ninguém e não faz a felicidade de nenhum livro” (BLANCHOT, 2011, p. 219). A leitura então, não promete salvar o mundo da produção, e toda leitura por vir é um caminho à liberdade que o leitor deve experimentar sem uma felicidade prometida, ou sucesso já predito, dizemos que a leitura está no desconhecido de si mesmo, sem sentido ou razão, assim, o livro se revela como obra, e “a obra não dura, ela é; esse ser pode abrir uma nova duração, é um apelo ao começo, recordando que nada se afirma senão pela fecundidade de uma decisão inicial” (BLANCHOT, 2011, p. 219), a leitura não dura, assim como a obra se move no espaço da obra, onde o leitor, pela leitura, não mede a duração do tempo e a leitura vislumbra cumes e sobrevoos de liberdade.

O aprender-ensinar *por vir* é “o educar com jeito de respirar: nada se aprende da asfixia” (SKLIAR, 2014b, p. 159), nada se aprende em gaiolas ou preso na inércia do pensar, nada se aprende sem liberdade, sem viver, sem experimentar. O aprender-ensinar é olhar as singularidades e experimentá-las nas vivências para além das amarras, assim, aprender o valor do pôr do sol, do movimento das cachoeiras, da força do vento, das tempestades, das melodias, das transfigurações, da chuva, do mar, do pensamento. “O educar como jeito de escapar: da apatia, da tirania, da voz paralisante” (SKLIAR, 2014b, p. 154). O educar contra qualquer regime paralisante, para escapar da tirania dos poderosos em favor da liberdade.

POUSOS SEM FINS

O escrito chega ao seu pouso provisório e nossa tentativa agora se pauta em entrelaçar os fios que estão abertos, para um provável fim, todavia, não almejamos amarrar os fios na teia da razão. A teia apresentada se tece sem instaurar um fim enquanto ponto final, pois o contínuo do caminhar implica o desenrolar dos fios. Ao caminhar pelo por vir da leitura na escola básica encontramos Ernesto, a infância e a inocência a qual abandonamos precocemente por ambição aos valores prementes do utilitarismo da leitura e do ‘bem viver’. Acolhemos Ernesto em sua inocência, acolhemos a palavra literária em seu não saber, em sua indeterminação, em sua não possessão, em sua aura poética inventiva ávida de palavra viva, um leitor e uma leitura em aberto, um canal por onde passam poéticas e artes literárias em devires de criação.

Experimentar um ler sem saber ler para desfazer o tempo escolar instituído, a cultura do saber reinante, a arrogância da produção, as linhas retas, o ensinar como repetição. Aprender no movimento poético da liberdade da leitura transfigurada... no deleite de um livro, de um poema, de um amor, de uma amizade, de uma perda, de uma canção, de um encontro, de uma despedida, de um exílio, de uma brisa, de uma paisagem, de um nascer do sol ou cair da tarde, por entre abismos e incertezas, na dispersão dos sentidos... Uma poética do aprender-ensinar *por vir* da leitura para bailar melodias outras na educação.

Se assim experimenta a leitura, o leitor-andarilho já não sabe o que sucederá, mas suas sensações já estão transfiguradas por uma leitura imersa em abismos, profundezas, criação, destruição de valores, quebra da razão

utilitarista. O leitor-andarilho caminha sem possessão do saber, sem ensejar que a leitura lhe seja atividade ou guia. A leitura por vir se embrenha nos rizomas, dança no indefinido dos sentidos e sem-sentidos, entre palavras e silêncios, gestos e pulsações.

A poesia baila a magia das palavras, magia que transfigura o mundo dentro-e-fora da palavra literária. Como ler sem sentir a verdade do olhar? Como ler sem imaginar a poesia que embrenhada no universo literário? Como ler diferentes mundos e cosmovisões? Ler o mundo como a uma biblioteca pode ser um convite interessante a desbravar o desconhecido da leitura. A estante como possibilidade da surpresa (Que livro é esse? Do que trata?). A cada surpresa a paixão instiga um nascer singular do leitor no encontro com o (seu) outro. Um amor ao livro e à leitura, onde o *por vir* descortina as potências da imaginação criadora.

REFERÊNCIAS

- BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*: ausência do livro. Tradução de João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2010.
- _____. *O espaço literário*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- _____. *O Livro Por vir*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora WMG, Martins Fontes, 2013.
- CAMPOS, Jessé P. *Trilogia antropofágica*: a educação como devoração. Tese de Doutorado defendida no PPGEDU/UFRGS. Porto Alegre: FAED/UFRGS, 2008.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*: capitalismo e esquizofrenia v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.
- DURAS, Marguerite. *Chuva de Verão*. Portugal, Lisboa: P.O.L. Editeur, 1991.
- LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Traduzido por Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre Educação*. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho, Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2003.



SKLIAR, Carlos. *Desobedecer a linguagem: educar*. Tradução de Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014a.

_____. *O ensinar enquanto travessia: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação*. Tradutores Adail Sobral... [et al.]. Salvador: EDUFBA, 2014b.

Recebido em 31/10/2018

Aprovado em 05/03/2019